

Estranhos à nossa porta¹

Mariana Domitila Padovani Martins

Uma educação fragmentada e conseqüentemente muito próxima dos modelos sem modelos? Uma escola, um ensino básico ou superior com mais facilidade em não seguir regras e planos rígidos, do que simplesmente ensinar a aprender?

É provável que em alguns contextos sim e em outros não, e deste modo, talvez, possamos arriscar destacar a hipótese (livremente presente no cotidiano escolar) de que a educação, e, portanto, o ensino (seja ele básico ou superior), é formada e evidenciada pelos seus protagonistas: alunos e professores, o que propõe buscar entender quem são estes alunos e professores: alunos na maioria Líquidos, segundo o conceito de Zygmunt Bauman, e professores divididos em grupos “Líquidos”, “Sólidos”, e para inovar “Transitórios” ou mesmo “Indecisos”, ou seja, aqueles que ora têm pensamentos, métodos, propostas e ações mais Sólidas e tradicionais, ora mais Líquidas e flexíveis, adaptáveis aos alunos e disciplinas que estão sob suas responsabilidades.

A Modernidade Líquida é caracterizada por uma série de elementos que são percebidos pela sociedade e seus grupos relacionais como positivos ou negativos, dependendo do contexto e de quem a interpreta. O individualismo, composto logicamente pelo conhecido egoísmo, seria um deles. A individualidade também, o que ressalta a valorização do ego enquanto sujeito e não coisa. A questão é que infelizmente o individualismo impera em uma grande rede de situações. Deste modo, o mundo fica cada vez mais despreparado para enfrentar interações que envolvam o coletivo e que necessitam de respeito as diversidades, levando muitas vezes a momentos de conflitos e barbáries (infelizmente).

Por outro lado, a Modernidade Líquida de Bauman também acredita na força dos aspectos positivos que caracterizam o atual contexto. Mesmo no meio do tumulto, muros, egos exacerbados, banalidade e medo, há também a necessidade dos laços humanos para gerar segurança. É como se fosse um fiozinho condutor de fé. Esperança, elemento tão trabalhado nas últimas obras de Bauman, principalmente no livro *Babel* (2016) - talvez o que resumiria bem o

¹ BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

lado otimista da visão "baumaniana". Assim, entre ego e conflitos sociais, entre incerteza e ansiedades, haveria esperança. Alimento para o pensar e agir.

Quando falamos em Individualismo no século XXI, logo nos deparamos com as diferenças entre os sujeitos sociais, entendendo como diversidade questões e características não simplesmente culturais-comportamentais, mas também as diferenças étnicas e nacionalistas.

Podemos afirmar, frente os últimos fatos terroristas (invasões, tiroteios e mortes em massa, homens-bomba etc.) noticiados de forma intensa e, numa visão basicamente mais crítica, sensacionalista pelos principais meios de comunicação, entre eles TV e internet, que estamos passando por uma "crise migratória", como reforça Zygmunt Bauman em seu último livro escrito e publicado no Brasil (um pouco antes de falecer em janeiro deste ano) pela editora Zahar no início de 2017. Segundo Bauman, uma crise que causa pânico moral: "o medo de que algo terrível possa ameaçar o bem estar da sociedade".

Neste livro, Bauman traz percepções referente às possíveis origens e impactos deste pânico moral. Procura ressaltar os motivos que levam os políticos a utilizarem tais fatos como material de campanha eleitoral e como dispositivo de poder e controle. Mostra a importância aos olhos daqueles que governam países, por exemplo, do fomento da alienação e do medo, experienciados pela sociedade.

Identificando e entendendo pontos de relação e importância com a educação cotidiana, a leitura do livro em questão faz-se assertiva para melhores reflexões, análises e sugestões para o ensino cotidiano. Ele ajuda na tentativa de resposta à seguinte pergunta: Como e até que ponto a migração afeta a Educação Cotidiana, assim como busca entender a possível influência do "pânico moral" nas relações educacionais exercitadas pelos seus protagonistas: alunos e professores.

Publicado no Brasil em 2017, com o total de 120 páginas, o livro "Estranhos à nossa porta", de Zygmunt Bauman, é organizado em 6 curtos capítulos, porém ricos em exemplos e observações. Diferente da maioria das obras do autor, este livro não tem nem prefácio, nem posfácio; possivelmente devido ao contexto ansioso de publicação pela editora logo após a morte de Bauman em janeiro deste ano.

Nos dois primeiros capítulos "O pânico migratório e seus (ab)usos" e "Flutuando pela insegurança em busca de uma âncora", Bauman descreve os possíveis impactos das notícias transmitidas pelos meios de comunicação de massa, mostrando fios condutores e criadores de

realidades distorcidas e generalizadoras. Afirma Bauman que os noticiários de TV, as manchetes de jornal, os discursos políticos e os tuítes da internet são usados para transmitir focos e escoadouros das ansiedades e dos temores do público, então atualmente sobrecarregados de referências à “crise migratória”, que aparentemente estaria afundando a Europa e sinalizando o colapso e a dissolução do modo de vida que conhecemos, praticamos e cultivamos. Migrantes e refugiados vistos muitas vezes como coisas e não pessoas pelos espectadores e usuários receptores e potenciais “formadores de opinião”. Notícias fomentadoras de medo servidor da cegueira moral, segundo o próprio autor.

Também discute a questão do interesse empresarial na mão de obra mais barata e consequentemente mais lucrativa advinda destes movimentos de migração. Segundo ele, nas partes “desenvolvidas” do planeta, em que tantos migrantes quanto refugiados buscam abrigo, os interesses empresariais desejam com firmeza o (e dão boas-vindas ao) influxo de mão de obra barata de habilidades lucrativamente promissoras. Tal contexto representaria e reforçaria a ideia de que é improvável que a migração em massa venha a se interromper, seja pela falta de estímulo, seja pela crescente engenhosidade das tentativas de sustá-la. Ainda nesses capítulos Bauman faz uma referência (ainda indireta, pois no capítulo 3 ele o cita de forma direta e sem anseios) aos processos de decisão da campanha eleitoral e do governo de Donald Trump; sabiamente ressaltando que a construção de muros para impedir que os migrantes cheguem perto de “nossos quintais” aproxima-se ridiculamente da história do antigo filósofo Diógenes, empurrando o barril em que vivia de um lugar para outro ao longo das ruas de sua Sínope natal. Faz um alerta trazendo a reflexão: Nós enquanto sujeitos sociais estaríamos mais preocupados em construir muros ao invés de pontes.

Bauman mostra grande preocupação não somente nesses capítulos, mas também durante os outros; e em outras obras também, como “Babel (2016)” e a “A arte da Vida (2009)”, com a questão de estarmos vivendo em bolhas, e frequentemente fugirmos das responsabilidades, o que oferece um contexto de esvaziamento e fomento da cultura, segundo ele, do “conforto”: Nós nos acostumamos ao sofrimento dos outros. Ele não me afeta. Não me diz respeito. Não é da minha conta! Ou seja, acostumamos a aceitar facilmente o medo imposto através dos noticiários e decisões governamentais radicalistas. Aceito e me retiro do papel de protagonista da vida alheia e desfavorecida. Não me responsabilizo pelo sofrimento do outro e preocupo-me em preservar meu bem-estar e “distorcida estabilidade”.

Próximo do término do segundo capítulo, Bauman especifica a importância de cada sociedade ter “seus heróis” e como esses pseudo-heróis, governantes, usam e muitas vezes, segundo ele, aumentam distorções do estado de pânico frente as invasões de refugiados e ataques terroristas, por exemplo. Deste modo, explica a política de “securitização”, que seria um truque para desviar a ansiedade, de problemas que os governos são incapazes de enfrentar (ou não tem muito interesse em fazê-lo), para outros, com os quais os governantes - diariamente e em milhares de telas - aparecem lidando com energia e (por vezes) com sucesso. Ou seja, se a população estiver entretida com o medo do terrorismo, por exemplo, não focará suas preocupações, nem reivindicará seus direitos de empregabilidade, saúde e educação.

Já no capítulo 3 “Sobre a trilha dos tiranos (ou tiranas), Bauman cita por várias vezes Donald Trump como um dos tiranos contemporâneos, eleito por um povo afetado pela probabilidade de cair na pobreza. Deste modo, reforça aquilo já tão discutido em suas obras anteriores, entre elas, “Identidade (2005)”; “A vida para o consumo (2008)”; “A Riqueza de poucos beneficia todos nós? (2015)”, que o indivíduo dentro da sociedade Líquida, ou por ele, também citada neste livro, como a “Sociedade da Performance” só se reconhece e é reconhecido como indivíduo a partir do poder de consumo. Caso não tenha este poder de consumo, não é e nem se sente parte da sociedade. Não tem direito de escolhas. Percebe-se descartado e é descartado como lixo ou ignorado, não visto – torna-se invisível. Portanto, ser visto e percebido, necessita de uma imagem de riqueza e poder de consumo, o que já oferece um certo status de indivíduo e potencializa as chances de consumir, nem que esse consumo seja através de muitas prestações e créditos. Uso hoje e pago amanhã ou num depois muito imprevisível. Tudo contra o medo de ser classificado como não ajustado.

Bauman fecha este capítulo discutindo que na Sociedade da Performance, tiranos e tiranas são extremamente sedutores através de seus argumentos proféticos. Segundo ele, o poder de sedução dos tiranos e tiranas baseia-se em variadas promessas e em aspirações que até agora não foram testadas. Promessas de agir – talvez um agir encoberto pela cultura do conforto já mencionada nos capítulos anteriores. Heróis milagrosos, sedutores e conseqüentemente tiranos.

Nos capítulos 4 e 5, consecutivamente: “Juntos e amontoados” e “Problemáticos, irritantes, indesejados: inadmissíveis”, dentro de uma linha filosófica desde Kant até Giorgio Agamben, Bauman diferencia hostilidade de hospitalidades frente a migração. Desconstrói também a moral performática que nossa sociedade respira, explicando que a cegueira moral nasce

da cultura do conformismo que naturalmente propõe um “rótulo moral”. Ou o indivíduo segue os pressupostos daquilo que é bem visto, segundo a maioria que representa o poder, ou não recebe o “rótulo moral” e conseqüentemente pode ser descartado, rejeitado, discriminado pelos seus pares ou grupos sociais, o que segundo Bauman é o pior dos castigos dentro do Mundo Líquido. Portanto, os formadores de opinião têm um papel importante para a formação dos “rótulos morais” e seu habitual cumprimento, enquanto estrangeiros, refugiados, migrantes são classificados de forma generalista como terroristas, por exemplo. Ou seja, fale ou faça algo por um refugiado, sem o consentimento do governo e estará sob a mira dos olhares julgadores e rejeitadores dos defensores dos rótulos morais. Infelizmente, mais uma vez o ser humano é desmoralizado na ideia da falsa moral.

Finalmente, no capítulo 6 “Antropológicas versus temporárias: as raízes do ódio”, Bauman costura os outros 5 capítulos a partir da reflexão frente a necessidade de pensar e agir. Porém, alerta para o tipo de pensar e agir contemporâneo, muitas vezes virtual. Explica que habitamos dois mundos diferentes – o *on-line* e o *off-line* -, e que somos capazes de passar de um para outro de forma tão suave, imperceptível, sem fronteiras demarcadas ou controles de imigração; nem vistos ou passaportes. Com muita frequência, segundo ele, podemos estar nos dois mundos ao mesmo tempo. Assim, cada mundo tem seu próprio conjunto de expectativas à espera daqueles que nele ingressam e seus próprios padrões de comportamento que se recomenda seguir – e que decerto seguem – variados “rótulos morais”.

Bauman alerta que dentro do mundo *off-line* eu estou sob controle do governo, das instituições que frequento e grupos que participo. Já no *on-line* parece acontecer o contrário. Eu estou no controle ou simplesmente tenho a sensação do controle. Basicamente, para o autor: “Eu pertencço ao mundo *off-line*, enquanto o mundo *on-line* pertence a mim.” Passar do mundo *off-line* para o *on-line* assemelha-se a entrar num mundo obediente à minha vontade, pronto e ansioso por concretizar meus desejos (Talvez, uma comparação pertinente – um comportamento de “cliente frente aquisição e consumo de produtos e serviços”, portanto, poder e controle sinônimo de consumo dentro da Modernidade Líquida?!)

Portanto, frente tantas diversidades, discórdias, revoltas terroristas, atitudes tiranas, gerando um estado de cegueira moral, é importante entender, segundo Bauman, que a internet, sem dúvida não é a causa do número crescente de internautas moralmente cegos e surdos, mas ela facilita e alimenta demais esse crescimento.

Seja na internet ou fora dela, no contexto de Sociedade Líquida, a primeira reação à presença de um Outro tende, assim, a ser de vigilância e suspeita, medo e ansiedade. Um interregno estabelecido, suspendendo a obediência aos princípios morais efetivos e não simplesmente de rotulagem, de forma sem conteúdo; de aparências. Deste modo, segundo Zygmunt Bauman, infelizmente, estamos vivendo a maior parte do tempo num mundo de guerra de todos contra todos, onde amigos de Facebook são divertidos para gritar juntos, mas, infelizmente de pouca ou nenhuma utilidade para fazer coisas juntos – ativismo de sofá? Possivelmente.

Assim, como fio otimista para encerrar a discussão neste livro, Bauman cita mais uma vez Richard Sennett (pois em suas últimas obras, expressa sua admiração as ideias de Sennett, através de várias citações) e agora também Kwame Anthony Appiah, filósofo e escritor anglo-ganês, especializado em estudos culturais e literários. Explorando sobre a “conversa – o diálogo”, Bauman, explica a fundamental importância da “conversa” como instrumento negociador dentro da crise migratória. Para Bauman, Sennett e Appiah, todo diálogo deveria ser “informal”, ou seja, deveríamos abster-nos de fixar as regras procedimentais da conversa antes dela começar. Portanto, para eles, a prova da conversa como caminho supremo para a compreensão mútua, o respeito recíproco e o acordo final está em entrar nesse processo e conduzi-lo tendo em vista negociar conjuntamente os obstáculos que tendem a aparecer no seu curso.

A importância deste livro, não somente para a educação, como também e principalmente para a ampliação da visão de mundo cotidiano, talvez esteja no próprio diálogo proposto no texto fluido e rico em exemplos e citações. Zygmunt Bauman, hoje considerado um dos pensadores mais influentes do mundo, semelhante aos refugiados, foi forçado ao exílio em várias ocasiões. A primeira vez em 1939, quando ele fugiu da Polônia para a Rússia. Deste modo, percebe-se certa empatia do autor com o tema. Linhas da própria vida em outras vidas? Talvez!

Como admiradora e pesquisadora das obras de Bauman, e suas relações com a Educação, posso dizer que "Estranhos à nossa porta" rapidamente me chamou a atenção, de maneira diferente e impactante, logo nas primeiras páginas excelentemente reflexivas frente uma problemática tão viva em nossos dias. Palavras para tal experiência? Impacto/ Gratidão/ Desconforto/ Ação.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **A arte da vida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. **Babel**: entre a incerteza e a esperança. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. **A riqueza de poucos beneficia todos nós?** Rio de Janeiro: Zahar, 2015.
- BAUMAN, Zygmunt. **A vida para o consumo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

Mariana Domitila Padovani Martins – Universidade de Sorocaba.
Sorocaba | SP | Brasil. Contato: mariana.domitila@gmail.com ou
mariana.martins@uniso.prof.br